

## VARIAÇÕES DE CONCORDÂNCIA VERBAL EM CAIANA DOS CRIoulos: TRAÇOS DA INFLUÊNCIA AFRICANA NO FALAR BRASILEIRO

Fernanda Barboza de Lima<sup>1</sup>  
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

**Resumo:** Esse artigo versa sobre a contribuição africana no processo de formação do português falado no Brasil, tomando como objeto de estudo a comunidade negra de Caiana dos Crioulos, localizada no município de Alagoa Grande, na Mesorregião do Agreste Paraibano. Nesse estudo analisamos as variações de concordância verbal no falar da comunidade de Caiana, identificando, nessa localidade, fenômenos linguísticos compreendidos como evidências do contato com línguas africanas. Esse trabalho é parte da dissertação, intitulada: *Aspectos fonéticos, morfossintáticos e lexicais do falar de Caiana dos Crioulos*, que objetivou contribuir com as discussões sobre a formação do Português Popular do Brasil e com a compreensão da configuração atual da língua falada na zona rural brasileira. Utilizamos como procedimentos metodológicos, a pesquisa de campo, onde coletamos entrevistas individuais orientadas sob os moldes da pesquisa sociolinguística, procurando nos pontos de interseção entre a Sociolinguística, Etnolinguística e Dialectologia, a sustentação teórica necessária a nosso estudo. As reflexões desenvolvidas neste trabalho também visam colaborar com a produção literária científica sobre a história do negro no Brasil, num momento em que cresce a necessidade de afirmação da identidade histórica desse povo.

**Palavras-chave:** contribuição africana, comunidade negra, concordância verbal, Português Popular do Brasil.

### Introdução

A influência das línguas africanas sobre o Português do Brasil (PB) fez-se sentir profundamente, de acordo com Melo (1971), na morfologia e sintaxe. A simplificação das flexões, a tendência de pluralização dos determinantes, a ausência de concordância entre o sujeito plural e o verbo e a particularíssima forma de colocação dos pronomes são características compreendidas por alguns linguistas como as mais importantes consequências do contato com o negro africano.

Os que atribuem tais características à convivência com línguas de base africana acreditam que tais transformações morfossintáticas ocorridas no PB relacionam-se à estrutura de algumas línguas africanas que possuem formas únicas para indicar pessoa, gênero, número e tempo, como as línguas banto e o iorubá.

Nesse trabalho, deteremo-nos nas variações de concordância verbal encontradas no falar da comunidade de Caiana dos Crioulos, objeto de nosso estudo.

### 1. Fenômenos morfossintáticos encontrados em Caiana dos Crioulos: variações na concordância verbal

Os primeiros trabalhos de natureza dialetológica sobre o português falado no Brasil já apresentaram aspectos do comportamento de determinadas variáveis linguísticas. Os principais trabalhos nessa linha mencionam a questão da concordância verbal (CV) e registram que a regra de CV costuma manter-se na língua das classes cultas e se simplificar na língua das classes com menos tempo de escolarização.

O processo de analogia entre as formas singular e plural dos verbos é, para Teixeira (1938, p. 36), a causa da simplificação das flexões verbais: “Nas flexões verbais, mais que em qualquer outro campo, se exerce a ação niveladora da analogia. A determinação das pessoas é dada quase que só pelos pronomes”.

---

<sup>1</sup> Fernanda Barboza de Lima possui graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal da Paraíba e graduação em Letras - Língua Vernácula, pela mesma faculdade. É mestre e doutoranda em Letras (Linguagens e Cultura) pela Universidade Federal da Paraíba.

O estudioso explica que este traço linguístico é comum na língua das classes incultas mineiras:

O facto mais comum na língua popular mineira é a invariabilidade do verbo na concordância em número e pessoa com seu sujeito – *os home oiava, nois teve, tu foi* (enfático). Isto porque, como vimos, se processou uma redução no número e pessoas do tempo verbal, por efeito da analogia. (...) O facto é que a regra geral é a invariabilidade flexional do verbo na concordância com seu sujeito, seja este de que pessoa e número for, venha anteposto ou posposto (TEIXEIRA, 1938, p. 73).

Num segundo estudo, agora sobre a linguagem goiana, Teixeira (1944, p. 102) relaciona a redução da flexão verbal ao contato do português com línguas indígenas e africanas. Segundo ele:

Sem dúvida que a velha tendência do indo-europeu para redução das flexões de número e pessoa encontrou novas condições favoráveis à sua manifestação, pois que tanto as línguas indígenas como as africanas possuíam esta uniformidade flexional na expressão das pessoas verbais [...] A ausência da ação disciplinadora da escola concorreu para que os processos das línguas indígenas e africanas se generalizassem na língua popular dialetal, uniformizando as pessoas verbais.

Lucchesi (2003, p. 279) também elenca um conjunto de estruturas do PB como provenientes do contato entre línguas que marcou os primeiros séculos da história sociolinguística do Brasil. Segundo o autor, os níveis de erosão da morfologia nominal de número e verbal de pessoa/número foram provocados por um processo de transmissão linguística irregular, que pode ser observado, sobretudo, em localidades de grande concentração de mão-de-obra escrava, como é o caso de Helvécia, no extremo sul da Bahia, onde o pesquisador observou entre outros fenômenos morfossintáticos incomuns, a variação na concordância verbal com a 1ª pessoa do singular, como no exemplo: “*Eu trabalha na roça desde menino*”.

Na mesma comunidade, Ferreira (1994, p. 30) registrou oito exemplos de variação na concordância verbal com a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e doze casos em que se observa a forma na 3ª pessoa pela 1ª no pretérito perfeito:

<b>Presente do indicativo</b>	<b>Pretérito perfeito</b>
'bébi (A)*	'io bati'zo (A)
'io 'faz (A)	'io eske'seu (A)
'io nã'domi (A)	'io foi (A)
'io 'kõmi (B)*	'io nã ka'io (A)
'io 'sabi (A, duas vezes)	'io ko'reu (B)
'io nã'sabi (B)	'io na'seu (A,B)
'io 'vai (A)	'io pa'ro (A)
	'io ti'ro (A)
	'io zó'go (A,B)
	'io 'teve (A)

\*A: informante do sexo feminino.

\*B: informante do sexo masculino.

Para Naro e Scherre (2007, p. 91-93), “a neutralização entre 1ª e 3ª pessoas do singular é um fenômeno perfeitamente encaixado na configuração geral do português, incluindo o português padrão”. De acordo com os estudiosos, fenômeno similar foi bem delimitado em sete dos 12 trabalhos pesquisados por eles, onde se puderam registrar em comunidades portuguesas, ocorrências como: “*Eu na quinta-feira apanhou...*”, “*eu foi...*”, “*eu pôde...*”.

A ausência de flexão verbal, consoante Melo (1971), é particularidade mais facilmente encontrada entre os falantes das camadas sociais mais baixas. Em sua pesquisa, o autor observou que há uma relação entre observância da regra de concordância e distribuição social dos falantes. Um dos traços destacado por ele, refere-se a não-aplicação da regra entre o verbo e o sujeito plural, quando posposto.

Muito comum, na linguagem coloquial, é deixar-se no singular um verbo referido a sujeito plural que se lhe pospõe: “*chegou três pessoas*”, “*aconteceu dois casos graves*”, “*caiu dois aviões o mês passado*” (MELO, 1971, p. 79).

Em comunidades rurais afro-brasileiras isoladas, como Helvécia, o nível de variação na concordância verbal com a terceira pessoa do plural é da ordem de 84% com sujeito anteposto ao verbo, como “*eles ganha pouco*” e “*as mulé num vai*”. O nível de variação cai para aproximadamente 60% entre os falantes da norma popular do interior do estado do Rio de Janeiro e para pouco mais de 50% na capital (LUCCHESI, 2008, p. 377).

Os resultados demonstrados por Lucchesi (2008, p. 377) apontam para uma variação na norma culta, condicionada pela posposição do sujeito em 52% de frequência de realização, o que se distancia do observado no português afro-brasileiro, “em que a diferença na frequência de aplicação da regra de concordância entre o sujeito anteposto e posposto não passa de três pontos percentuais”.

Para esse estudioso, as distintas variações encontradas entre os falantes da norma culta e os falantes da linguagem popular, principalmente os afro-brasileiros, apontam para a existência de dois processos históricos diferentes.

Sobre a variação *posição do sujeito em relação ao verbo*, dos 12 autores portugueses pesquisados por Naro e Scherre (2007), nove apresentaram exemplos de ausência de concordância plural com sujeito à direita do verbo, como nos exemplos: “*...morria pessoas de família...*”, “*...retalha-se as fibras*”, “*tava lá já as criadas*”, etc. A frequência de variação com sujeito à esquerda do verbo também pôde ser encontrada em nove dos 12 trabalhos observados, como percebemos nos exemplos: “*duas camas dá oito mestras*”, “*os nossos agasalhos é estes*”, “*o pai e a mãe nunca bai pro rio*”, etc.

Em Caiana, a partir da análise de 186 casos, pudemos fazer um exame sobre a variação na concordância verbal, em perspectivas como: posição do sujeito em relação ao verbo, natureza da oposição singular/plural, características morfofonológicas de algumas ocorrências e neutralização da 1ª e 3ª pessoas do singular.

## 2. Concordância verbal em Caiana dos Crioulos: ocorrências analisadas

### 2.1 Ocorrências com sujeito anteposto ao verbo

(1) As partêra é ôta  
┌ Sujeito (terceira pessoa do plural)  
└ Verbo na terceira pessoa do singular do presente do indicativo

(2) Meus pai era privinido  
┌ Sujeito (terceira pessoa do plural)  
└

Verbo na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo

- (3) Minhas perna butou uma berruga  
↳ Sujeito (terceira pessoa do plural)  
↳ Verbo na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo
- (4) A gente temu aqui  
↳ Sujeito (forma popular da primeira pessoa do plural que normalmente concorda com verbos no singular)  
↳ Verbo na primeira pessoa do plural do presente do indicativo
- (5) Os papa-figo carregava os menino  
↳ Sujeito (terceira pessoa do plural)  
↳ Verbo na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo
- (6) Nós namorava de olho  
↳ Sujeito (pronome na primeira pessoa do plural)  
↳ Verbo na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo
- (7) Os casamento era diferente dos de hoje  
↳ Sujeito (terceira pessoa do plural)  
↳ Verbo na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo
- (8) Como foi que vós falou?  
↳ Sujeito (pronome na segunda pessoa do plural)  
↳ Verbo na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo
- (9) Os tocadador entrava pá dentu  
↳ Sujeito (terceira pessoa do plural)  
↳ Verbo na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo
- (10) Os minino fizeru carrêra  
↳ Sujeito (terceira pessoa do plural)  
↳ Verbo na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo
- (11) Os antepassado chegaru aqui  
↳ Sujeito (terceira pessoa do plural)  
↳ Verbo na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo
- (12) Os novato butaru o nome de ciranda  
↳ Sujeito (terceira pessoa do plural)  
↳ Verbo na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo
- (13) Os povo quebaru as lêta  
↳ Sujeito (terceira pessoa do plural)  
↳ Verbo na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo

2.2 Ocorrências com sujeito posposto ao verbo

- (1) Quem toca mais é os home  
↳ Sujeito (terceira pessoa do plural)  
↳ Verbo na terceira pessoa do singular do presente do indicativo

- (2) Aí vinha aqueles caba  
 ↳ Sujeito (terceira pessoa do plural)  
 ↳ Verbo na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo
- (3) Quem tá é as ôta mulé  
 ↳ Sujeito (terceira pessoa do plural)  
 ↳ Verbos na terceira pessoa do singular do presente do indicativo
- (4) Tá mioranu as coisa  
 ↳ Sujeito (terceira pessoa do plural)  
 ↳ Verbo na terceira pessoa do singular do presente do indicativo
- (5) É difícil as coisa  
 ↳ Sujeito (terceira pessoa do plural)  
 ↳ Verbo na terceira pessoa do singular do presente do indicativo

### 2.3 Ocorrências de variação na concordância verbal com a 1ª pessoa do singular

- (1) Eu tem chegado lá e tem vortado  
 ↳ Verbo na terceira pessoa do singular do presente do indicativo
- (2) Eu só vende na fêra, mii  
 ↳ Verbo na terceira pessoa do singular do presente do indicativo
- (3) Eu já pegô ônibu  
 ↳ Verbo na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo
- (4) Eu passô um ano aqui  
 ↳ Verbo na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo
- (5) Eu vem pá casa  
 ↳ Verbo na terceira pessoa do singular do presente do indicativo
- (6) Eu parô de estudar nêga  
 ↳ Verbo na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo
- (7) Eu trabaiô munto no roçado  
 ↳ Verbo na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo

### 3. Tabela com resultados do nível de variação na concordância verbal com a primeira e terceira pessoa do plural em Caiana dos Crioulos

Concordância Verbal			
3ª pessoa do plural			
Sujeito anteposto ao verbo		Sujeito posposto ao verbo	
Ausência de concordância	Presença de concordância	Ausência de concordância	Presença de concordância
54	11	17	0

1ª pessoa do plural			
A gente (forma coloquial)		Nós	
Ausência de concordância	Presença de concordância	Ausência de concordância	Presença de concordância
04	74	16	10

#### 4. Gráficos

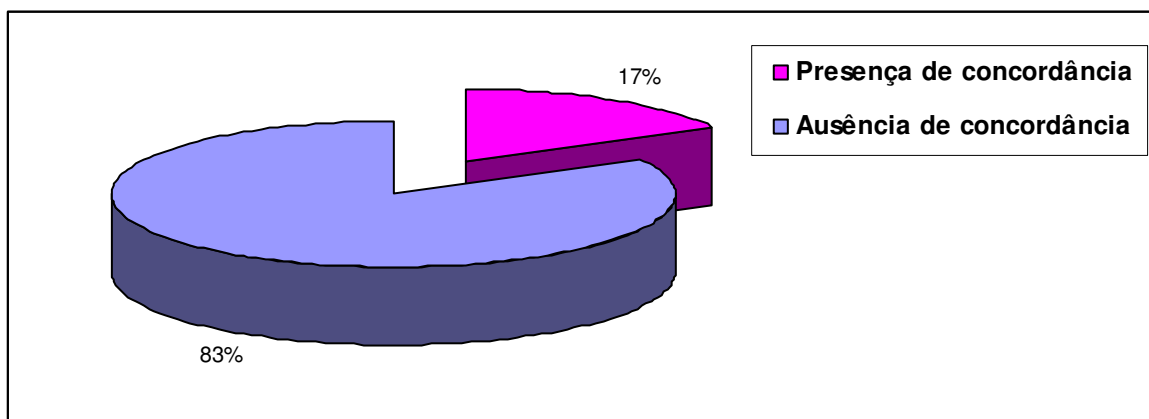


Gráfico 26 – Variação da concordância verbal com sujeito (terceira pessoa do plural) anteposto ao verbo

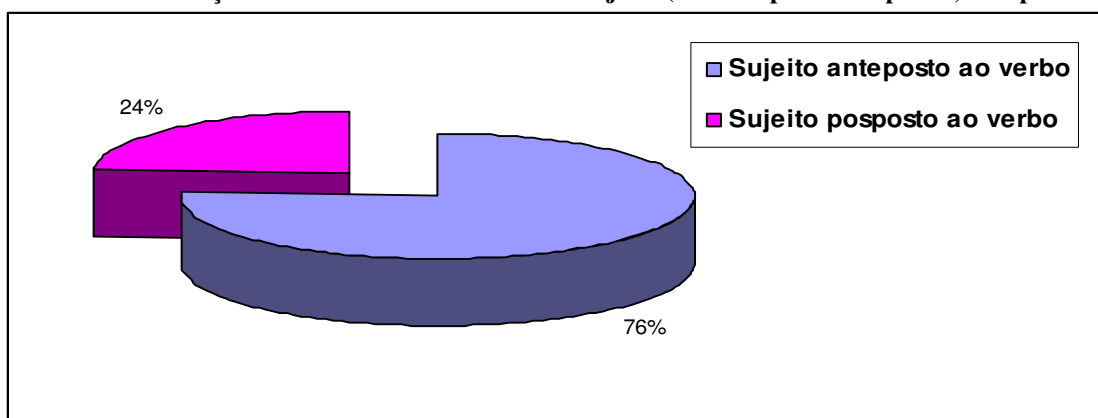


Gráfico 27 – Ausência de concordância entre sujeito na terceira pessoa do plural e verbo.

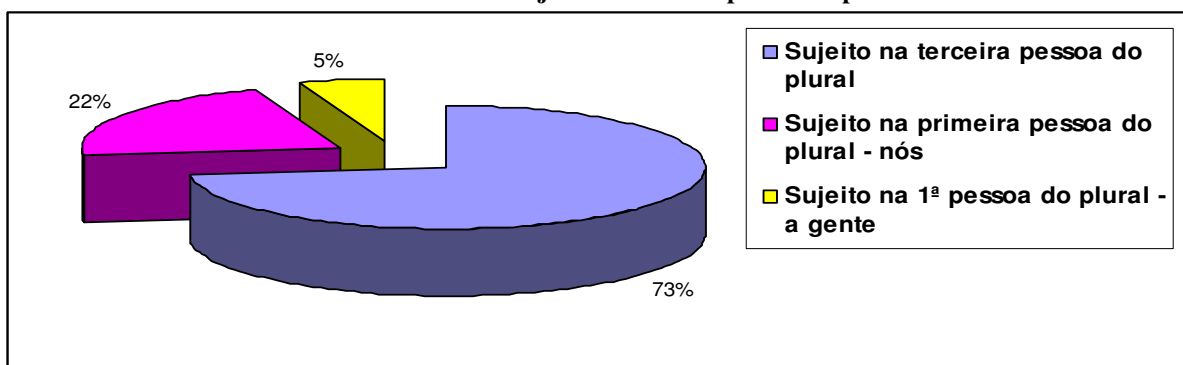


Gráfico 28 – Ausência de concordância – sujeito anteposto ao verbo

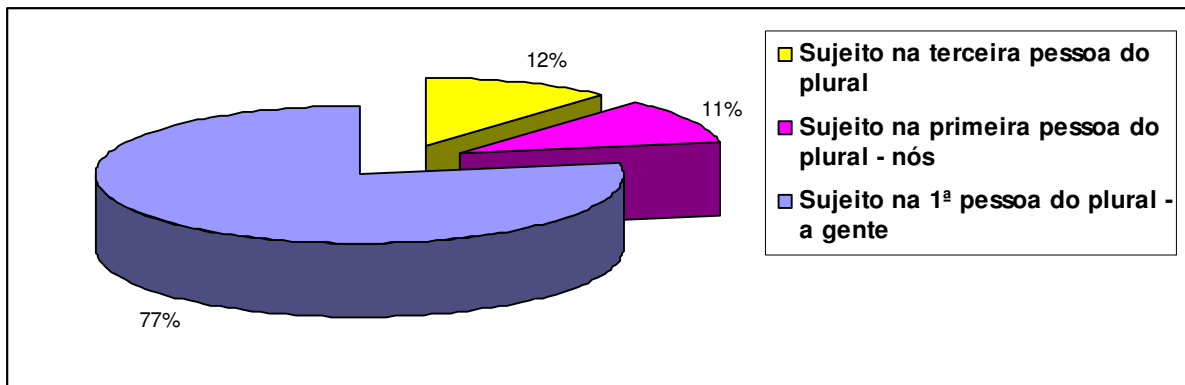


Gráfico 29 – Presença de concordância – sujeito anteposto ao verbo

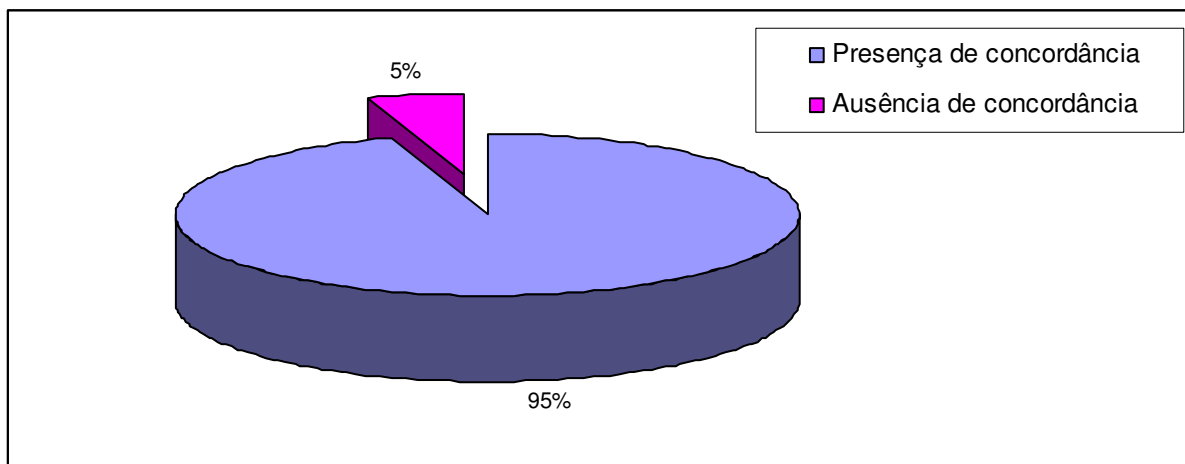


Gráfico 30 – Variação da concordância com a 1ª pessoa do plural – forma coloquial *a gente*

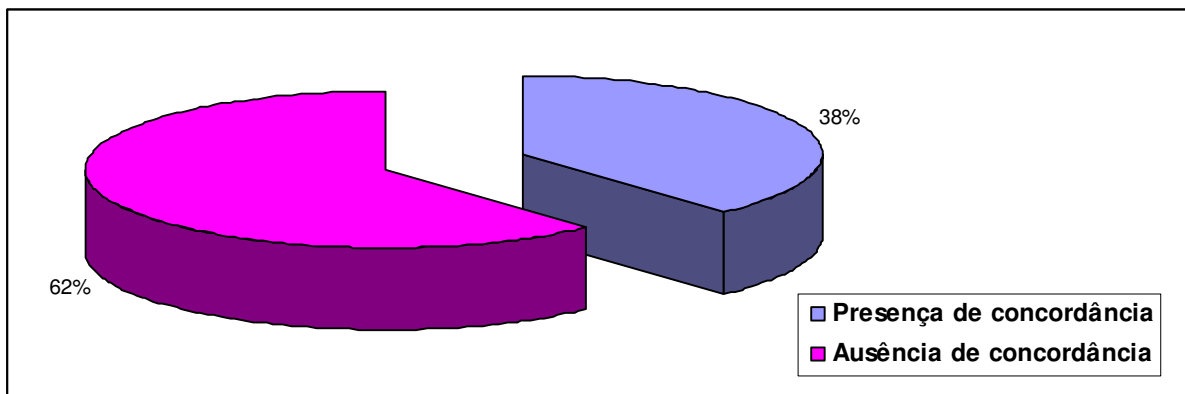


Gráfico 31 – Variação da concordância com a 1ª pessoa do plural – forma *nós*

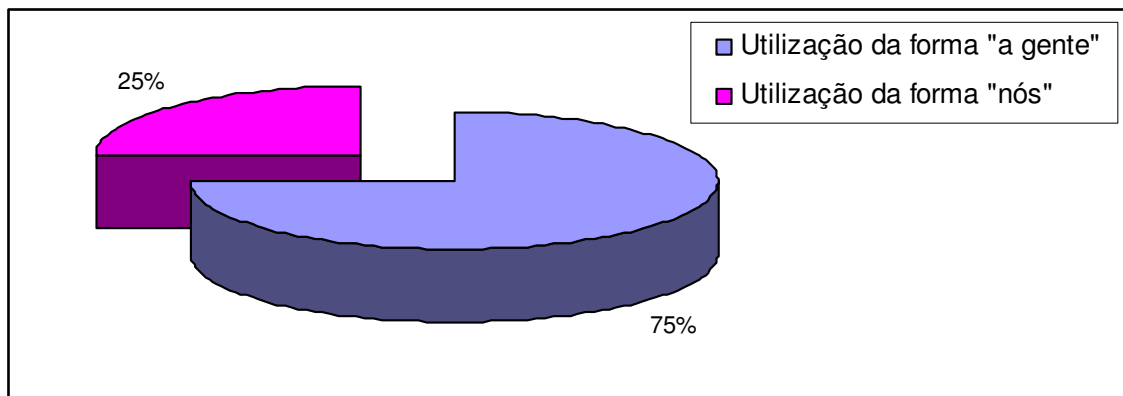


Gráfico 32 – Resultado da utilização das formas *nós/a gente*

## 5. Comentários

Pudemos observar, já nos exemplos elencados de sujeito no plural anteposto ao verbo, que, em Caiana, é marcante que o sujeito na terceira pessoa do plural não concorde com os verbos no presente do indicativo, pretérito perfeito ou imperfeito. No gráfico 26, temos que 83% da mostra, ou seja, 54 das 65 ocorrências observadas, apontam para a incidência da falta de concordância plural. Também podemos percebermos, ainda a partir desse gráfico, que 17% da mostra revelam a presença da marca plural no sujeito e verbo respectivo. Nessas ocorrências constatamos a perda da nasalidade na marca de plural, principalmente em verbo da 1ª conjugação no pretérito imperfeito do indicativo (*brincavam* → *brincavu*, *falavam* → *falavu*, *plantavam* → *plantavu*) e em verbos das três conjugações no pretérito perfeito do indicativo (*falaram* → *falaru*, *brincaram* → *brincararu*, *beberam* → *beberu*, *comeram* → *comeru*, *foram* → *foru*).

Com relação a sujeito posposto ao verbo, percebemos variante zero de plural. Na tabela onde apresentamos os números da CV em Caiana, podemos observar que todas as ocorrências onde o sujeito na terceira pessoa do plural aparece depois do verbo apresentam verbos na forma singular.

Com relação à ausência de concordância entre o sujeito na terceira pessoa do plural e o verbo, temos, com base no gráfico 27, que das 71 ocorrências analisadas, 76%, ou seja, 54 casos referem-se a sujeito anteposto ao verbo, enquanto que 24%, ou seja, 17 ocorrências são de sujeito posposto ao verbo. Esse resultado contrasta com a afirmação de Scherre e Naro (2007, p. 99), quando esses comentam que: “Já é de conhecimento de todos nós que, no português brasileiro, o sujeito à esquerda do verbo favorece de forma robusta mais variante explícita de plural no verbo do que sujeito à sua direita”. Os dados encontrados em Caiana revalidam a posição de Lucchesi (2008, p. 377), quando este afirma, com base nos resultados da concordância verbal segundo a posição do sujeito no português afro brasileiro, que:

A variação observada no português afro-brasileiro diferencia-se estruturalmente da observada na norma culta por não estar fortemente condicionada pela posição do sujeito [...] em que a diferença na frequência de aplicação da regra de concordância entre o sujeito anteposto e posposto não passa de três pontos percentuais.

Os gráficos 28 e 29 têm o propósito de ilustrar a variação da concordância verbal com sujeitos no plural antepostos ao verbo. Os dados do gráfico 28 demonstram que a terceira pessoa do plural é a mais propensa à ausência de concordância (73%, ou seja, 54 das 74 ocorrências observadas são de sujeitos femininos e masculinos na terceira pessoa do plural).



Já no gráfico 29, percebemos que, o sujeito no plural mais propenso a concordar com o verbo é a forma coloquial da primeira pessoa do plural *a gente*, que apresentou, com relação aos outros sujeitos observados, o maior índice de concordância com o verbo (77%, ou seja, 74 das 95 ocorrências analisadas). Lembrando que, a expressão nominal *a gente* concorda com verbos no singular; portanto, quando destacamos no gráfico 30, a ocorrência de 5% de ausência de concordância entre o sujeito *a gente* e verbos, referíamos-nos a ocorrências desse sujeito e verbos no plural: “*a gente temo aqui*”, “*a gente somu das ponta da rama*”, “*a gente criam...*”, “*a gente cremu...*”.

No gráfico 31, demonstramos a variação da concordância com a primeira pessoa do plural, na forma *nós*. Foram coletados 26 casos em que temos o emprego desse sujeito. Desses, (62%), ou seja, 16 não apresentam concordância com o verbo. Nos 10 casos em que temos a concordância sujeito/verbo, ou seja, 38% da mostra, percebemos supressão do *s* final, como em: *nós somu/somos*, *nós discutimul/discutimos*, *nós temul/temos*; e em alguns casos, supressão do *s* e aféreses, como em: *nós tamul/estamos*.

Por fim, ainda observamos o grau de utilização das formas *nós* e *a gente*. O gráfico 32 revela que em Caiana, assim como ocorre de forma geral entre os falantes do português popular do Brasil, há uma inclinação ao uso da forma pronominal *a gente*. Das 104 ocorrências em que há emprego do sujeito na primeira pessoa do plural, 75%, ou seja, 78 casos referem-se à utilização de *a gente*, contra 25%, o equivalente a 26 casos em que há emprego do *nós*. Sobre isso, Amaral, na observação do falar paulista caipira já havia mencionado, que o *a gente* ao invés do *nós* e o *você* no lugar do *tu* são formas pronominais correntes na linguagem popular brasileira.

### Considerações finais

Sabemos que a ausência de registro das línguas veiculares africanas, que penetraram no fluxo comunicativo que acabou por formar a língua portuguesa falada no Brasil, é reflexo de um profundo e duradouro processo de repressão cultural a que foram submetidos os povos africanos. Esse processo de repressão se refletiu no plano linguístico, através primeiro, do desinteresse pelo registro e estudo das línguas africanas e depois, pela negação da contribuição africana na formação da língua nacional.

Acreditamos que é exatamente na observância das particularidades da linguagem de comunidades negras isoladas, como a aguçada simplificação morfológica que afeta regras de concordância nominal e verbal, por exemplo, que percebemos a contribuição mais notável da presença africana na formação da língua falada no Brasil.

Em nossa pesquisa, percebemos que essas particularidades manifestaram-se em cada relato dado pelos caianenses, que ao contarem-nos suas histórias, esforçando-se no exercício de rememoração de fatos relevantes, esqueciam-se da forma do relato, fornecendo-nos um material genuíno, que em nossa opinião, contribuiu com o debate acerca do contributo africano à língua nacional.

Sobre a variação da concordância verbal, levamos em consideração, perspectivas como: *posição do sujeito em relação ao verbo*, *natureza da oposição singular/plural*, *características morfofonológicas* de algumas ocorrências e *neutralização da 1ª e 3ª pessoas do singular*. Assim, pudemos observar que, em Caiana, é comum a não-concordância entre sujeito na terceira pessoa do plural e verbos no presente do indicativo, pretérito perfeito ou imperfeito. Com relação a sujeito posposto ao verbo, percebemos variante zero de plural e sobre a ausência de concordância entre o sujeito na terceira pessoa do plural e o verbo, temos que a maioria dos casos refere-se a sujeito anteposto ao verbo.

Os dados registrados também demonstraram que a terceira pessoa do plural é a mais propensa à ausência de concordância, uma vez que, a primeira pessoa do plural (*nós*) é

normalmente substituída pela forma coloquial *a gente*, que tende a concordar com o verbo no singular.

### Referências

FERREIRA, Carlota. Remanescentes de um falar crioulo brasileiro (Helvécia-Bahia). In: \_\_\_\_\_ et al. **Diversidade do Português do Brasil** – Estudos de dialectologia rural e outros. 2. ed. Salvador: CED, 1994.

LUCCHESI, Dante. O conceito de *transmissão linguística irregular* e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (org). **Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. Aspectos gramaticais do português brasileiro afetados pelo contato entre línguas: uma visão de conjunto. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (org). **Português Brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Niterói: EdUFF, 2008.

MELO, Gladstone Chaves de Melo. **A língua do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Origens do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

TEIXEIRA, J. A. **O falar mineiro**. Sep. Revista do Arquivo Municipal. V. 45. São Paulo, 1938.